
D7242i Dosse, François.

O Império do sentido : a humanização das Ciências Humanas / François Dosse ; tradução Ilka Stern Cohen. -- Bauru, SP : EDUSC, 2003.

448 p. ; 23 cm. -- (Coleção História)

Tradução de: L'empire du sens: l'humanisation des sciences humaines.

ISBN 85-7460-167-5

1. Sociologia - Metodologia. 2. Sociologia - História. I. Título. II. Série.

CDD 301

ISBN 2-7071-2754-X (original)

Copyright © (original) Éditions La Découverte & Syros,
Paris, 1995, 1997

Copyright © (tradução) EDUSC 2003

Tradução realizada a partir da edição de 1997.
Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa
para o Brasil adquiridos pela

EDITORA DA UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

Rua Irmã Arminda, 10-50

CEP 17011-160 - Bauru-SP

Fone (14) 3235-7111 - Fax (14) 3235-7219

e-mail: edusc@edusc.com.br

e-mail do autor: dossefrancois@aol.com

*Para Paul Ricoeur,
em respeitosa homenagem*

INTRODUÇÃO

Conforme as representações hoje dominantes, a cena intelectual francesa parece dividida em dois pólos bem distintos: de um lado, alguns filósofos midiáticos, incessantemente solicitados para dar suas opiniões sobre os mais diversos temas, e do outro, a comunidade totalmente atomizada dos pesquisadores em ciências humanas, cada vez mais encerrados em sua tecnicidade e incapazes de produzir uma linguagem comum que possa interessar a sociedade e participar do debate público. Esse distanciamento aparente oculta de fato uma evolução profunda, pouco percebida porque subterrânea, que parece augurar um novo modo de ser da vida intelectual na França.

O desaparecimento dos mestres pensadores e o fim dos grandes paradigmas unificadores não deixaram o vazio atrás de si, mas sim uma atividade intensa, abundante e complexa. Contudo, essa efervescência é pouco perceptível e essa ausência de visibilidade repousa essencialmente num funcionamento muito diferente, mais coletivo, da pesquisa. O desvio americano, que viu numerosos pesquisadores se expatriarem do outro lado do oceano para frutíferos períodos de pesquisa, ensino e intercâmbio intelectual, sem dúvida foi decisivo para a formação de redes de pesquisadores que dialogam entre si sobre a base de trabalhos relativamente confidenciais. O efeito dessa evolução é que a pesquisa ganhou em rigor, mas perdeu em irradiação na Cidade. Hoje os trabalhos circulam mais sob a forma de artigos pontuais, retomados, comentados, discutidos no seio de colóquios ou de revistas de especialistas. Essa profissionalização em curso nas ciências humanas não deixa de evocar o *habitus* há muito característico dos pesquisadores em ciências exatas.

A pesquisa aqui empreendida tem como objetivo tornar patente a riqueza das pesquisas em curso, dando a elas maior visibilidade. Ela deve permitir uma melhor orientação no labirinto das redes de um quebra-cabeça cada vez mais complexo a fim de discernir um certo número de eixos de coerência transversais.

O *corpus* principal desta investigação é evidentemente constituído pelos vários trabalhos das ciências humanas publicados no decorrer dos últimos anos. A fecundidade destes não se limita à lista das entrevistas realizadas, que serviram apenas de guias para se orientar nos diversos laboratórios e redes de pesquisadores.

A maturação da pesquisa, mais coletiva que antigamente, faz aparecer "semelhanças de família", conforme a expressão de Wittgens-

teín, a partir das diversas filiações e heranças de cada um. Por essa razão, a recuperação de alguns percursos biográficos nos pareceu importante para tornar perceptível a nova cartografia em gestação. Os pesquisadores entrevistados não devem contudo ser considerados como os "representantes" de qualquer lista dos melhores. Eles são simplesmente emblemáticos dos novos modos de elaboração dos conhecimentos. Eles permitem abrir assim as portas de entrada a todo um campo intelectual cuja maior característica é justamente um método mais coletivo de funcionamento. O período estruturalista privilegiava com frequência uma matriz teórica forte que englobava os saberes por totalização a partir de apoios muito individualizados; a situação atual se aproxima mais de um processo constante de tradução gradual, fundado numa nova ética do trabalho intelectual.

A outra grande mutação em curso consiste na reconciliação das relações entre ciências exatas, ciências humanas e filosofia. Ora, parece que as ciências humanas, enquanto terceira cultura, híbrida e sobrecarregada, estão em vias de desempenhar um papel maior nessa pacificação recente e promissora.

Pode-se, para tanto, falar em emergência de um "novo paradigma"? No começo dessa investigação, tratava-se, mais modestamente, de enfatizar algumas convergências, de fazer aflorar o que ainda eram apenas recortes implícitos, de favorecer a saída das torres de marfim e de contribuir para dinamizar o confronto interdisciplinar. Ora essa investigação no coração das ciências humanas francesas contemporâneas nos levou realmente, ao termo de sua realização, a descobrir, se não um novo paradigma que nasceu armado do caos e da incerteza pós-estruturalista, ao menos uma nova configuração intelectual reunindo as posições diversas de seus protagonistas em torno de um certo número de linhas de força.

Marcel Gauchet percebera o fenômeno já desde 1988, quando descrevia em *Le Débat* a "mudança de paradigma em ciências sociais" marcada por uma maior atenção à parte explícita, refletida da ação.¹ Por minha vez, eu terminava minha *Histoire du structuralisme*² em 1992 com a constatação de uma saída dessa falsa alternativa que por tanto tempo estruturou as ciências humanas entre divinização e dissolução do sujeito: eu evocava o nascimento de um novo paradigma, o de uma dialogia, de um agir comunicativo que podia representar ao mesmo tempo uma via real de emancipação como projeto social e um quadro fecundo no domínio das

ciências humanas. Esta pesquisa convida o leitor a explorar essa configuração singular.

Como qualificar esse novo paradigma? Conforme dissemos, esse não se apóia em critérios rígidos que viriam substituir ponto por ponto os temas e esquemas do estruturalismo, mas naquilo que Wittgenstein chamava de "semelhanças de família", traços pertinentes que permitem fazer repercutir, mútua e gradualmente, pesquisas diferentes por suas origens e seus objetivos declarados, sem que para tanto seja necessário postular um núcleo epistemológico comum ou uma convergência filosófica inelutável em última análise. Convém pois, em primeiro lugar, esclarecer que essa configuração intelectual atinge uma realidade plural e não uma escola estabelecida num lugar único. Ela opera sinergias teóricas fecundas que exprimem sem dúvida as exigências incontornáveis da conjuntura intelectual, mais do que as orientações *a priori* de um novo grande programa de pesquisas de ambições unificadoras/organizadoras. Por essa razão, a investigação realizada, plenamente engajada na defesa da fecundidade das pesquisas atuais, respeitou tanto quanto possível a palavra dos autores, a literalidade de suas obras. É de acordo com a profusão dessas investigações múltiplas que se pode medir a riqueza potencial daquilo que se passa hoje nas ciências humanas.

Em segundo lugar, esta investigação não visa esgotar o assunto; isso não teria nenhum sentido, uma vez que a situação está longe de ser cristalizada. Na verdade não se trata de elaborar um catálogo das renovações. A parcialidade das escolhas é também totalmente reivindicada e o resultado portanto não pode deixar de ser parcial. Não se tratava de fazer um "Inventário de...", mas de ilustrar algumas orientações características das mutações em curso. Estas se articulam a meu ver em torno de quatro pólos de uma constelação em movimento: a galáxia dos discípulos de Michel Serres, notadamente com o CSI (*Centre de sociologie de l'innovation*); a orientação cognitivista, como o CREA (*Centre de recherche en épistémologie appliquée*); a perspectiva pragmática-convencionalista que se nutre dos trabalhos da nova sociologia e de um questionamento do modelo padrão em economia; e enfim os partidários de uma recomposição global do discurso das ciências humanas pelo político, que reúnem essencialmente os discípulos de Claude Lefort.

Essa mudança de configuração, essa mutação da paisagem intelectual, é antes de tudo uma tentativa de resposta a uma certa sensação de esgotamento do sentido da experiência histórica, tal como foi justamente percebido por Olivier Mongin.³ Diante da crise dos grandes paradigmas

1. GAUCHET, Marcel. Changement de paradigme en sciences sociales. *Le Débat*, n. 50, p. 165-170, maio/ago. 1988.

2. DOSSE, François. *Histoire du structuralisme*. t. 1, Le Champ du signe. Paris: La Découverte, 1991. t. 2, Le Chant du cygne. Paris: La Découverte, 1992;

3. MONGIN, Olivier. *Face au scepticisme*. Paris: La Découverte, 1994.

unitários (funcionalismo, marxismo, estruturalismo), assim como, paralelamente, das respostas holísticas e deterministas às questões sociais, quer por intermédio do todo-Estado, ou pela mão invisível do mercado, as novas abordagens teóricas apostam numa revisão pragmática da teoria da ação, numa dinamização das "oficinas da razão prática" e, mais geralmente, poder-se-ia dizer, numa "humanização das ciências humanas". Não se trata portanto de um retorno puro e simples ao sujeito ou a uma forma de humanismo pré-crítico, mas de um reequilíbrio, de uma mudança de escala que permite se interrogar no nível do indivíduo sobre quem se fundamenta o "ser-conjunto", o vínculo social. Esse reequilíbrio passa pela reavaliação da força dos vínculos sensíveis, dos vínculos invisíveis e indizíveis que sustentam a humanidade do homem. Essa atenção às mediações, à efetividade do vínculo, inscreve-se pois numa verdadeira guinada pragmática, que filia essas diversas abordagens, quaisquer que sejam suas inflexões divergentes ou os modelos de inteligibilidade que elas favoreçam: antropologia das redes, compreensão hermenêutica, decodificação cognitivista, etc. Essa guinada pragmática permite uma posição central à ação dotada de sentido, reabilita a intencionalidade e as justificações dos atores numa determinação recíproca do dizer e do fazer. O social não é mais então concebido como uma coisa, ele não é mais objeto de reificação pois o ator e o cientista são tomados ambos numa relação de interpretação que implica a intersubjetividade.

Foi o fim da excepcionalidade francesa que permitiu essa reorientação pragmática. Na época em que dominava o provincianismo hexagonal, o verdadeiro debate intelectual tendia a acontecer em outros lugares, entre os anglo-saxões e os alemães, entre filosofia analítica e filosofia continental. O ativismo de numerosos pesquisadores – essa investigação retranca precisamente o percurso e os esforços de mediação e divulgação de alguns deles – permitiu uma apropriação, uma assimilação e uma adaptação das temáticas que permaneceram por muito tempo estranhas ao campo intelectual francês. Graças a eles, a França está saindo de seu provincianismo e pode pretender participar inteiramente do debate em curso no plano internacional.

A guinada pragmática inscreve-se também num espaço mediano entre explicação e compreensão na procura de uma terceira via entre predominância da pura experiência e prioridade na conceituação, sendo esta encarada como recolhimento de um sentido não postulado, mas descoberto a partir de recursos mobilizados pela intersubjetividade. Ela implica igualmente um deslocamento maior na atribuição das competências cognitivas, que não são mais consideradas como o único apanágio da postura intelectual. Evidentemente, essa revalorização das competências dos autores obriga a recolocação da noção de "corte epistemológico" presen-

te nos trabalhos da filosofia das ciências sociais dos anos 70. O pesquisador é convidado mais modestamente a fazer um trabalho de "clarificação", como o desejava Wittgenstein, e não mais a operar uma divisão fictícia entre julgamentos de fatos, emergindo sozinhos da cientificidade, e julgamento de valores, a serem proscritos.

Essa inflexão pragmática e interpretativa certamente retoma as preocupações de autores clássicos mas às vezes reverenciados à distância, como Max Weber, ou definitivamente negligenciados, como Simmel. Ela o faz, não obstante, com base no reflexo da crise epistemológica das ciências chamadas "exatas". Ela parte do princípio de uma incompletude, de uma indeterminação de seu objeto, que se torna o próprio meio de apoiar uma visão pertinente da coordenação social, sempre flutuante no tempo e tomada entre a opacidade e a transparência. As determinações tornaram-se fracas no novo paradigma que busca, ao contrário de ontem, escapar ao fatalismo, evitar os impasses do determinismo. Esse permite liberar um momento reflexivo da análise na base da crise dos modelos científicos. É a uma verdadeira mutação que assistimos: os termos estrutura, reprodução, estática, combinatória, invariante, universais, de lógica binária se apagam, em proveito das noções de caos organizador, fractal, acontecimento, processo, sentido, complexidade, auto-organização, construção, estratégia, convenção, autonomia, enação... Trata-se portanto de um questionamento radical do ideal do objetivismo e do determinismo. Essa nova configuração permite reatar com tradições antigas, mas muito freqüentemente ignoradas. A filosofia crítica alemã da história na virada do século, depois as correntes fenomenológicas, colocando a compreensão e a questão do sentido no centro de sua abordagem, contribuíram para essa redefinição de uma nova objetividade, indissociável da intencionalidade e da intersubjetividade. E a etnometodologia rompeu com a indiferença à cotidianidade, aplicando-se a restabelecer a dinâmica efetiva dos processos da ação em vias de se realizar.

As ciências humanas entraram na época daquilo que Anthony Giddens qualifica como dupla hermenêutica,⁴ como um processo complementar de tradução e de interpretação que concede ao presente uma prevalência. O presente tornou-se a categoria pesada que ultrapassa nosso espaço de experiência e convida a uma releitura memorial e simbólica do passado.

Esse paradigma interpretativo e pragmático aponta para novas relações, pacificadas, com a filosofia. Depois de terem celebrado a ruptura

4. GIDDENS, Anthony. *Social theory and modern sociology*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

do cordão umbilical que as ligava à filosofia, as ciências humanas começam a perceber que podem visitar a tradição filosófica de modo frutífero. Desde que a filosofia não mais reivindica uma posição dominante, torna-se possível às ciências humanas reencontrar suas raízes profundas ao contato de ambas.

A dimensão filosófica em ciências sociais, aliás, é mais que nunca um imperativo, pois é o único meio de preservar o pluralismo interpretativo, a pluralidade dos possíveis, dos mundos disponíveis. Ela torna possível a reabertura do espaço de investigação evitando alternativas estéreis: liberdade/obrigação, indivíduo/sociedade, universalismo/relativismo, substancialismo/hermenêutica... tantos pares que por muito tempo freqüentaram e empobreceram o trabalho em ciências humanas.

Para compreender as formas de ação, os novos trabalhos retomam por sua conta a tradição fenomenológica e hermenêutica que lhes permite definir um paradigma interpretativo construindo temas em torno do fazer sem o falar.⁵ Eles utilizam também os trabalhos da filosofia analítica para melhor compreender o querer dos atores na própria efetivação da ação. O fato social é percebido como fato semântico, portador de sentido. A teoria do agir comunicacional de Jürgen Habermas tanto quanto os trabalhos das ciências cognitivas são mobilizados para retomar as ações sociais como fatos ao mesmo tempo psicológicos e físicos. A noção de dialogia, introduzida por Michaël Bakhtin, informa igualmente essas novas pesquisas pelo fato de enfatizar o caráter polifônico do discurso, sua heterogeneidade enunciativa.

Uma nova aliança, em forma de tríade, efetua-se entre ciências exatas, ciências humanas e filosofia, em relações apaziguadas e não mais fundadas na deportação de conceitos e na prática selvagem da interdisciplinaridade, mas na comunidade disciplinar ou na transdisciplinaridade. Esse novo pluralismo teórico deve revestir a "ciência tal qual se faz", não para importar modelagens prontas, mas levando em consideração aquilo que os atores das ciências dizem sobre ela e mantendo um discurso compatível com as descobertas científicas. É sob essa condição que a interdisciplinaridade fundada na pesquisa do sentido do agir humano em todas as suas dimensões pode responder às interpelações urgentes de nossa atualidade.

Não nos esqueçamos, humildemente, de que estaremos sempre mais próximos da fumaça do que do cristal.⁶ A reorientação em via de elaboração reabre o campo de experiência do passado e do presente, todo o domínio do agir, à problematização das ciências humanas.

Ação: tal é sem dúvida a palavra-chave da cristalização em curso. Essa sensibilidade nova não surge de um lugar qualquer. Ela é manifestamente aquela de uma geração fortemente marcada por um movimento pelo qual passou, o de maio de 1968. Foi no curso desses "eventos" que nasceu um jornal. Ele se chamava... *Action*.

O novo paradigma seria a expressão do verdadeiro pensamento de 1968, enfim liberto das amarras, dos modelos dos quais esse movimento se desviou para se exprimir? Não se pode realmente postulá-lo, pois muitas descontinuidades nos separam da configuração dos anos 60. O movimento atual rompe radicalmente com a postura hipercrítica, a filosofia da suspeita que era a de maio de 68. Contudo, a vontade de fazer "sentido", depois de ter feito "sinal", é justamente o ponto em comum entre aqueles que abrem hoje a renovação das ciências humanas.

Quando eu comecei minha investigação, não tinha a intenção de utilizar critérios de idade para montar a lista dos pesquisadores que desejava encontrar. Foi somente no decorrer da elaboração do livro que eu me dei conta de que estava tratando de um fenômeno de geração.

A própria noção de paradigma evoca a de momento, que deve ser declinado duplamente: enquanto saída do estruturalismo, e como efeito retardado de uma geração marcada por maio de 68. Essa geração parece enfim ter encontrado as palavras e as ferramentas mentais para prosseguir sua busca de sentido sem teologia, para exprimir sua sensibilidade à historicidade sem historicismo, e seu gosto pelo agir sem ativismo.

A oscilação em curso é também a oportunidade de um grande encontro de diferentes gerações intelectuais com um filósofo que atravessou na sombra o período precedente, justamente porque encarnava a filosofia do agir e do sentido, Paul Ricoeur. Nós o encontraremos ao longo do desdobramento das múltiplas facetas do novo paradigma como o recurso essencial das orientações atuais.

Medir a guinada atual e sinalizar as potencialidades oferecidas: tal é a ambição desse livro que pretende tornar audível pelo cidadão as questões atuais da pesquisa, traçando os contornos do espaço teórico comum a práticas inovadoras manifestadas de modo ainda muito amplo. Ele deve portanto contribuir, conforme a secreta esperança do autor, para repensar o vínculo social na Cidade moderna.

5. Ver RICŌEUR, Paul. *Du texte à l'action*. Paris: Seuil, 1986.

6. Para retomar as palavras de ATLAN, Henri. *Le cristal et la fumée, essai sur l'organisation du vivant*. Paris: Seuil, 1979.